



Editorial

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.20166>

Albuquerque: revista de história chega a sua década e meia de existência. São quinze anos e este é o trigésimo número do periódico. Sua trajetória tem sido exitosa, em que pesem as dificuldades encontradas para a manutenção de quaisquer periódicos no Brasil, especialmente aqueles publicados nas instituições públicas de ensino superior, uma vez que, não raro, as atividades inerentes à edição são pouco institucionalizadas e não reconhecidas. Outro fator importante, é que a elaboração e circulação de conhecimento tem sido atacada sobremaneira no último decênio. Há que mencionar, ainda, os processos de avaliação dos periódicos balizados por índices homogeneizantes que não conseguem captar a íntegra da complexidade e dos esforços envolvidos na elaboração dos periódicos e da circulação de conhecimento, nacional e internacionalmente.

Apesar das agruras cotidianas, é preciso reconhecer o esforço constante das pessoas todas que têm se dedicado à manutenção de **Albuquerque: revista de história**, principalmente as autoras e os autores que têm confiado nos processos editoriais e contribuído para sua continuidade. Esta revista nasceu voltada especialmente à área de História, o que se expressa em seu próprio título. Porém, os títulos podem ser ressignificados, o que fizemos em nosso número 21, em 2019, quando Albuquerque deixou de ser uma referência ao capitão-general Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, governador da capitania de Mato Grosso no século XVIII, e passou a ser uma homenagem a Camila Albuquerque, mulher transexual executada em Salvador, Bahia, em 15 de março de 2017.

No Editorial daquele número já apontávamos para o fato de Albuquerque: revista de história ter se dedicado à publicação de artigos que, além do caráter interdisciplinar, se voltaram, sobretudo, para a compreensão das populações ou grupos sociais marginalizados, vulnerabilizados, silenciados, violentados, bem como das tensas relações havidas entre os grupos hegemônicos e aqueles outros tantos que estão fora dos centros de poder.

É premente considerar, na produção do conhecimento, o impressionante contingente de integrantes da população lgbti+ cujos assassinatos têm composto o cotidiano brasileiro, ao lado de feminicídios, da violência e eliminação física de negros e negras, dos povos originários, de pobres e miseráveis. Em uma sociedade tão desigual quanto esta, em um mundo também marcado pela violência em escalada.

Neste número temos o dossiê intitulado **Pensar a América Latina – cultura, arte, intelectuais e meios de comunicação**, organizado por Mara Burkart e Iza Debohra Godoi Sepúlveda, dedicado à cultura impressa de massas e os processos de mudanças políticas no Cone Sul. As organizadoras, autores e autoras articularam reflexões sobre a América Latina especialmente a partir das artes e dos meios de comunicação, seja no Cone Sul e no México, ou no Brasil da Ditadura Militar e dos anos do neoliberalismo. O intento das organizadoras foi trazer neste dossiê reflexões que considerem a imprensa, os intelectuais, artistas e suas obras.

Na seção de Artigos Livres Fábio Eduardo Cressoni e Wendel Damasceno Oliveira se voltam para as obras de Mário Pinto de Andrade para nelas buscar a emergência de uma identidade pan-africana, um debate muito relevante em fins do século XIX e no seguinte. Alexandre Barbalho dialoga com o pensamento social brasileiro, buscando, por um lado, situar a trajetória de Dijacir Menezes, e, de outro, analisar as ideias que permitem pensar o Nordeste e sua regionalização no período Vargas. Gleuze Pereira Marinho Moraes e Juarez José Tuchinski dos Anjos buscam compreender a infância no período em que a nova capital, Brasília, era construída no Centro-Oeste nacional. Já Thaís Leão Vieira e Natália Ramires voltam os seus esforços de interpretação acerca da construção de uma identidade em Mato Grosso a partir do Museu de Arte e de Cultura Popular, em Cuiabá, evidenciando a estratégia nacionalista de integração cultural no período da Ditadura Militar.

O Caderno Especial é composto por uma reflexão memorialística do ator transformista Celso Paulino Maciel, conhecido por sua persona, Lorna Washington, escrita por Miguel Rodrigues de Sousa Neto, e por um conto, **As trocas**, de Cássio Rodrigues da Silveira.

Finalizam o número a resenha de Joab Lima sobre a obra **História das Guerras** e a de Jéssica Laiza Oliveira de Carvalho sobre a obra de Oyèrónkẹ Oyèwùmí, **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos**

ocidentais de gênero.

Desejamos uma boa leitura e esperamos que nos auxiliem na divulgação de
Albuquerque: revista de história.

Aguinaldo Rodrigues Gomes
Miguel Rodrigues de Sousa Neto
Editores